

## Jesus Cristo Bebia Cerveja Afonso Cruz

*Set in late 1980s Europe at the time of the fall of the Berlin Wall, Black Dogs is the intimate story of the crumbling of a marriage, as witnessed by an outsider. Jeremy is the son-in-law of Bernard and June Tremaine, whose union and estrangement began almost simultaneously. Seeking to comprehend how their deep love could be defeated by ideological differences Bernard and June cannot reconcile, Jeremy undertakes writing June's memoirs, only to be led back again and again to one terrifying encouner forty years earlier—a moment that, for June, was as devastating and irreversible in its consequences as the changes sweeping Europe in Jeremy's own time. In a finely crafted, compelling examination of evil and grace, Ian McEwan weaves the sinister reality of civiliation's darkest moods—its black dogs—with the tensions that both create love and destroy it. A breathtaking, suspenseful story of one man's obsessive search to find the truth of another man's downfall, from the author of The King Is Always Above the People, which was longlisted for the 2017 National Book Award for Fiction. Nelson’s life is not turning out the way he hoped. His girlfriend is sleeping with another man, his brother has left their South American country, leaving Nelson to care for their widowed mother, and his acting career can’t seem to get off the ground. That is, until he lands a starring role in a touring revival of The Idiot President, a legendary play by Nelson’s hero, Henry Nunez, leader of the storied guerrilla theater troupe Diciembre. And that’s when the real trouble begins. The tour takes Nelson out of the shelter of the city and across a landscape he’s never seen, which still bears the scars of the civil war. With each performance, Nelson grows closer to his fellow actors, becoming hopelessly entangled in their complicated lives, until, during one memorable performance, a long-buried betrayal surfaces to force the troupe into chaos. Nelson’s fate is slowly revealed through the investigation of the narrator, a young man obsessed with Nelson’s story—and perhaps closer to it than he lets on. In sharp, vivid, and beautiful prose, Alarcón delivers a compulsively readable narrative and a provocative meditation on fate, identity, and the large consequences that can result from even our smallest choices.*

*I had a lot of jobs in Los Angeles Harbor because our family was poor and my father was dead. My first job was ditchdigging a short time after I graduated from high school. Every night I couldn’t sleep from the pain in my back. We were digging an excavation in an empty lot, there wasn’t any shade, the sun came straight from a cloudless sky, and I was down in that hole digging with two huskies who dug with a love for it, always laughing and telling jokes, laughing and smoking bitter tobacco.*

*"Una pequeña aldea de Alentejo se transforma en Jerusalén gracias al amor de una muchacha por su abuelo, cuyo mayor deseo es visitar Tierra Santa. Un profesor 'paralelo a sí mismo', una inglesa que duerme dentro de una ballena, una chica que lee wésterns y cree que la Virgen María sustituyó a su propia madre son algunos de los personajes que conforman una historia conmovedora e irónica sobre las cosas fundamentales de la vida: el amor, el sacrificio y la cerveza."--Back cover.*

*Para onde vão os guarda-chuvas*

*The Warsaw Anagrams*

*Marcoré*

*Black Dogs*

*The Well at the World's End*

«Para onde vão os guarda-chuvas é o ponto mais alto da capacidade narrativa e de efabulação de Afonso Cruz. É fácil cair em jargões para o classificar. O que poderia não passar de um exercício de demonstração de sabedoria é um livro cheio de humanidade, muitas vezes brutal, e de um apurado sentido estético. Magnético.» Isabel Lucas, Público Prémio Autores SPA 2014 \* Finalista do Prémio APE \* Finalista do Prémio Fernando Namora O pano de fundo deste romance é um Oriente efabulado, baseado no que pensamos ter sido o seu passado e acreditamos ser o seu presente, com tudo o que esse Oriente tem de mágico, de diferente e de perverso. Conta a história de um homem que ambiciona ser invisível, de uma criança que gostaria de voar como um avião, de uma mulher que quer casar com um homem de olhos azuis, de um poeta profundamentemudo, de um general russo que é uma espécie de galo de luta, de uma mulher cujos cabelos fogem de uma gaiola, de um indiano apaixonado e de um rapaz que tem o universo inteiro dentro da boca. Um magnífico romance que abre com uma história ilustrada para crianças que já não acreditam no Pai Natal e se desdobra numa sublime tapeçaria de vidas, tecida com os fios e as cores das coisas que encontramos, perdemos e esperamos reencontrar. Sobre Para onde vão os guarda-chuvas: «Por vezes, somos deslumbrados por um livro que nos faz sentir pequenos. Para onde vão os guarda-chuvas é um dos mais belos livros que li nos últimos anos.» Mário Rufino, Diário Digital «Talvez fosse correcto chamar a Para onde vão os guarda-chuvas o umbigo literário de Afonso Cruz, porque está cá tudo: um primeiro capítulo completamente ilustrado, uma protagonista com a sua saga, parábolas e histórias de santos que não existem, uma bela história exemplarmente construída e até uma brincadeira com o formato livro.» Ana Dias Ferreira, Time Out «Um livro de grande fôlego narrativo e lírico.» José Mário Silva, Expresso «O aspecto mais notável de Para onde vão os guarda-chuvas é o facto de, com toda esta diversidade - textos, ilustrações, fotografias -, conseguir uma admirável coerência literária. No centro das múltiplas histórias está a noção de perda. Da pior das perdas. A perda de um filho.» Carlos Vaz Marques, TSF «No seu mais ambicioso romance, Afonso Cruz fez questão de reunir alguns dos seus muitos talentos: além do ficcionista engenhoso, comparecem o escritor infantil, o ilustrador versátil e o epigramista. [...] Afonso Cruz criou um Oriente mítico, fabuloso, contaminado pelo poder efabulatório das mil e uma noites e por uma raríssima forma de inteligência lírica.» Ler «Afonso Cruz pertence a uma rara casta de ficcionistas: os que acreditam genuinamente no poder da efabulação literária. Se isso já era notório nos seus quatro romances anteriores, mais evidente se torna ao concluirmos a leitura deste volumoso Para onde vão os guarda-chuvas. O escritor está agora no auge das suas capacidades narrativas e serve-se delas para criar um Oriente inventado, onde as histórias brotam debaixo das pedras e se entrelaçam com extraordinária coesão.» José Mário Silva, Expresso

*Esta é uma história sobre a importância do outro. Os destinos cruzados deste romance iluminam o modo como as nossas relações, encontros, criações e circunstâncias formam a nossa identidade, nos fazem crescer e nos permitem, um dia, percebendo que a porta da nossa gaiola está aberta, abrir as asas e, sem reear a liberdade, conquistar um pouco de céu. «Não existe mentira na literatura, na ficção, e, digo-lhe mais, não existe verdade na vida real.»* Durante a segunda guerra mundial, em Dresden, um rapaz judeu chamado Isaac esconde-se na cave de uma loja de pássaros. Sobrevivendo às toneladas de bombas que caem sobre a cidade, Isaac Dresner construirá a sua vida à volta dos livros, recuperará histórias e fará nascer outras. Mostra assim como acontecimentos fortuitos, inusitados ou insignificantes – entre eles, a existência da boneca de Kokoschka – são tão cruciais para tecer os nossos destinos quanto aqueles que, pela imponência, julgamos serem os únicos fundamentais. «Numa loja de pássaros é onde se concentram mais gaiolas. Não há lugar nenhum no mundo construído com tantas restrições como uma loja de pássaros. São gaiolas por todo o lado. E algumas estão dentro dos pássaros e não por fora, como as pessoas imaginam. Porque Bonifaz Vogel, muitas vezes, abriu a portas das gaiolas sem que os canários fugissem. Os pássaros ficavam encolhidos a um canto, tentando evitar olhar para aquela porta aberta, desviavam os olhos da liberdade, que é uma das portas mais assustadoras. Só se sentiam livres dentro de uma prisão. A gaiola estava dentro deles. A outra, a de metal ou madeira, era apenas uma metáfora.» Sobre A boneca de Kokoschka: «Como um mestre joalheiro, Afonso Cruz conseguiu, em A boneca de Kokoschka, uma peça de arte e a proeza de, em cada página, nos oferecer pérolas perfeitas.» Pedro Justino Alves, Diário Digital «Uma estrutura magnífica de inventividade estética.» Miguel Real, Jornal de Letras, Artes e Ideias «Um delirante e muito sensato exercício da imaginação e do virtuosismo em volta da relação fun(da)cional entre o Eu e o Outro.» Eugenio Fuentes, La Nueva España Teodorico Raposo, the novel's lascivious anti-hero is a master of deceit; one minute feigning devotion in front of his rich, pious aunt, in order to inherit her money, the next indulging in debauchery. Spurred on by the desire to please his aunt, and in order to get away from his unfaithful mistress, he embarks on a journey to the Holy Land in search of a holy relic. The resulting fiasco is a masterpiece of comic irony as religious bigotry and personal greed are mercilessly ridiculed.

*The Well at the World's End* tells the story of Peter, King of Upmeads, and his four sons, Blaise, Hugh, Gregory, and Ralph. These four sons decide one day that they would like to explore the world, so their father gives them permission, except for Ralph, who is to remain at home to ensure at least one living heir. Ralph, however, secretly departs contrary to his father's orders and begins his explorations at Bourton Abbas, after which he goes through the Wood Perilous. During his explorations Ralph learns about the Well at the World's End and so begins the quest that will lead him into numerous adventures and misadventures.

*Naked*

*Kill the Next One*

*The Whistler*

*Connemara*

After young pianist Paul Porterfield engages in a brief affair with aging prodigy Richard Kennington and both return to New York to pursue separate endeavors, they do not see each other again, but their relationship has profound repercussions that neither had expected. Reprint. 25,000 first printing.

In a terrifying and grimly humorous examination of the human condition, the stories of three characters converge: Ernst Spengler, who is about to throw himself out his window; Mylia, a terminally ill woman on her way to church; and Hinnerk Obst, who has been told by neighborhood children that he looks like a murderer and who walks the streets with a loaded gun. Original.

Jesus Cristo bebia cerveja

Vivaldo Bonfim was a bored book-keeper whose main escape from the tedium of his work was provided by novels. In the office, he tended to read rather than work, and, one day, became so immersed in a book that he got lost and disappeared completely. That, at least, is the version given to Vivaldo's son, Elias, by his grandmother. One day, Elias sets off, like a modern-day Telemachus, in search of the father he never knew. His journey takes him through the plots of many classic novels, replete with murders, all-consuming passions, wild beasts and other literary perils. The Book that Devoured my Father is, at once, a celebration of filial love, friendship and literature.

Devotion

Historical Fantasy Novel

Learning to Pray in the Age of Technique

Lenz Buchmann's Position in the World

The Books That Devoured My Father

**Um belíssimo livro para quem não pode viver sem livros. Com texto e ilustrações de Afonso Cruz, um dos mais completos autores portugueses, que surpreende a cada novo livro. Na biblioteca do faraó Ramsés II estava escrito por cima da porta de entrada: «Casa para terapia da alma.» É o mais antigo mote bibliotecário. De facto, os livros completam-nos e oferecem-nos múltiplas vidas. São seres pacientes e generosos. Imóveis nas suas prateleiras, com uma espantosa resignação, podem esperar décadas ou séculos por um leitor. Somos histórias, e os livros são uma das nossas vozes possíveis (um leitor é, mal abre um livro, um autor: ler é uma maneira de nos escrevermos). Nesta deliciosa colheita de relatos históricos e curiosidades literárias, de reflexões e memórias pessoais, Afonso Cruz dialoga com várias obras, outros tantos escritores e todos os leitores. Este é, evidentemente, um livro para quem tem o vício dos livros. Os elogios da crítica: «Afonso Cruz alcançará um lugar muito destacado nas letras portuguesas.» El País (Espanha) «Muito mais do que uma leitura recomendável; estamos perante um dos grandes livros da temporada, cheio de engenho e imaginação. Jesus Cristo bebia cerveja é uma lição de literatura.» Revista Quimera (Espanha) «A bela escadaria da Livraria Lello remete para a obra de Afonso Cruz. (...) Um escritor capaz de tocar várias cordas na sua guitarra. Jesus Cristo bebia cerveja é um romance transgénero; uma tragédia rural, rude e desesperada, uma história bucólica - a que não falta um pastor rústico e uma jovem que se banha nua no rio -, uma fábula política e ainda uma farsa. Joga em todos estes registos romanescos e desafia todas as convenções.» Éric Chevillard, Le Monde (França) «Umverdadeiro escritor, tão original quanto profundo, cujos livros maravilham o leitor, forçando-o a desencaminhar-se das certezas correntes e a abrir-se a novas realidades.» Miguel Real, Jornal de Letras «Afonso Cruz pertence a uma rara casta de ficcionistas: os que acreditam genuinamente no poder da efabulação literária. Em Para onde vão os guarda-chuvas o escritor está no auge das suas capacidades narrativas e serve-se delas para criar um Oriente inventado, onde as histórias brotam debaixo das pedras e se entrelaçam com extraordinária coesão.» José Mário Silva, Expresso «Para onde vão os guarda-chuvas é o ponto mais alto da capacidade narrativa e de efabulação de Afonso Cruz. (...) O que poderia não passar de um exercício de demonstração de sabedoria é um livro cheio de humanidade, muitas vezes brutal, e de um apurado sentido estético. Magnético.» Isabel Lucas, Público «Jalan Jalan concede-lhe um novo lugar na literatura portuguesa deste terceiro milénio. (...) Afonso Cruz passa a ter um mundo próprio com 26 luas a rodar o planeta das suas escritas, tantas como as letras do nosso alfabeto.» João Céu e Silva, Diário de Notícias**

**Eleito melhor livro do ano pelos leitores do Público. Livro do Ano nos Prémios Time Out Lisboa 2012. Jesus Cristo bebia cerveja é o novo e esperado romance de uma das vozes mais fortes e originais da literatura portuguesa actual, a que é impossível ficar indiferente. Uma pequena aldeia alentejana transforma-se em Jerusalém graças ao amor de uma rapariga pela sua avó, cujo maior desejo é visitar a Terra Santa. Um professor paralelo a si mesmo, uma inglesa que dorme dentro de uma baleia, uma rapariga que lê wésterns e crê que a sua mãe foi substituída pela própria Virgem Maria são algumas das personagens que compõem uma história comovente e irónica sobre a capacidade de transformação do ser humano e sobre as coisas fundamentais da vida: o amor, o sacrifício e a cerveja. Sobre Jesus Cristo bebia cerveja: «A bela escadaria da Livraria Lello remete para a obra de Afonso Cruz, (...) um escritor capaz de tocar várias cordas na sua guitarra. Jesus Cristo bebia cerveja é um romance transgénero: uma tragédia rural, rude e desesperada, uma história bucólica - a que não falta um pastor rústico e uma jovem que se banha nua no rio -, uma fábula política e ainda uma farsa. Joga em todos estes registos romanescos e desafia todas as convenções. (...) todas as personagens deste romance decididamente surpreendente, vítimas de uma fatalidade mais poderosa do que a sua vontade, irão bebê-la até à última gota, até às borras.» Éric Chevillard, Le Monde «Jesus Cristo bebia cerveja é um romance colorido e extraordinariamente inteligente. Cruz usa uma linguagem multiforme, ousada, irónica, afiada. E densa.» Giovanni Dozzini, Europa Sobre Afonso Cruz: «Um verdadeiroescritor, tão original quanto profundo, cujos livros maravilham o leitor, forçando-o a desencaminhar-se das certezas correntes e a abrir-se a novas realidades.» Miguel Real, Jornal de Letras «Afonso Cruz consegue transformar temas tão profundos e essenciais como a morte, o amor, o Eu e o tempo numa história em que todas as personagens importam e que tem tantas emoções que se lê com o coração aceso, como nas iluminuras religiosas.» Ana Dias Ferreira, Time Out «Não vou descansar até que todos os leitores descubram o Afonso Cruz. Já prometi usar de violência física para obrigar um a um a ler a maravilha que ele escreve, e não estou a brincar. Faz-me a alma luxuosa. Passo a ter jóias na imaginação.» Valter Hugo Mãe**

Originally published in 1942 under the title *Minha Vida de Menina*—Portuguese meaning “My Life as a Little Girl or “Young Girl”—this book is a diary that was kept by the author, Helena Morley (pseudonym of Alice Dayrell Caldeira Brant), when she was between the ages of twelve and fifteen (1893-1895), and living in Diamantina, a small diamond mining town in southeastern Brazil. The little girl describes her homework, her love of parades and dresses, her father who could scarcely make a living in the mines, and her most beloved grandmother. The diary was admired by French Novelist Georges Bernanos, and in 1957, award-winning American poet and writer Elizabeth Bishop, then resident in Brazil, translated it into English as *The Diary of Helena Morley*. “The more I read the book [Minha Vida de Menina ]the better I liked it. The scenes and events it described were odd, remote, and long ago, and yet fresh, sad, funny, and eternally true. The longer I stayed on in Brazil the more Brazilian the book seemed, yet much of it could have happened in any small provincial town or village, and at almost any period of history—at least before the arrival of the automobile and the moving-picture theatre.”—Elizabeth Bishop

[In this book, the author's] analysis of the effects and causes of capitalist underdevelopment in Latin America present [an] account of ... Latin American history. [The author] shows how foreign companies reaped huge profits through their operations in Latin America. He explains the politics of the Latin American bourgeoisies and their subservience to foreign powers, and how they interacted to create increasingly unequal capitalist societies in Latin America.-Back cover.

**Open Veins of Latin America**

**Princípio de Karenina**

**Jesus Cristo bebia cerveja**

**Sinopse de amor e guerra**

**Jesucristo bebía cerveza**

«Não abras as gaiolas dos pássaros, senão eles morrem de liberdade.» Será possível vencer uma guerra com a música? Em plena Guerra Fria, a CIA engendrou um plano, baptizado Jazz Ambassadors, que tinha como missão cativar a juventude de Leste para a causa americana. Organizando concertos com grandes nomes do jazz nos países do bloco soviético, os americanos acreditavam poder seduzir o inimigo e ganhar a guerra. É neste pano de fundo que conhecemos Erik Gould, pianista de blues, exímio e apaixonado, que vê sons em todo o lado e pinta retratos tocando piano. A música está-lhe tão enranhada no corpo como o amor pela única mulher da sua vida, que desapareceu de um dia para o outro, sem deixar rasto, sem deixar uma carta de despedida. Erik Gould tentará de tudo para a reencontrar, mas não lhe resta mais esperança do que o acaso. Será o filho de ambos, Tristan, cansado de procurar a mãe entre as páginas de um atlas, que fará a diferença graças a uma caixa de sapatos. Sobre a obra de Afonso Cruz: «Afonso Cruz alcançará um lugar muito destacado nas letras portuguesas.» El País «Muito mais que uma leitura recomendável: estamos perante um dos grandes livros da temporada, cheio de engenho e imaginação. Uma lição de literatura.» Revista Quimera, Espanha «A bela escadaria da Livraria Lello remete para a obra de Afonso Cruz, (...) um escritor capaz de tocar várias cordas na sua guitarra. Jesus Cristo bebia cerveja é um romance transgénero: uma tragédia rural, rude e desesperada, uma história bucólica - a que não falta um pastor rústico e uma jovem que se banha nua no rio -, uma fábula política e ainda uma farsa. Joga em todos estes registos romanescos e desafia todas as convenções. (...) todas as personagens deste romance decididamente surpreendente, vítimas de uma fatalidade mais poderosa do que a sua vontade, irão bebê-la até à última gota, até às borras.» Éric Chevillard, Le Monde «Jesus Cristo bebia cerveja é um romance colorido e extraordinariamente inteligente. Cruz usa uma linguagem multiforme, ousada, irónica, afiada. E densa.» Giovanni Dozzini, Europa «Uma autêntica revelação é a edição italiana do português Afonso Cruz. Um romance singular (...) com um perfeito equilíbrio entre sublime e grotesco.» La Stampa, Itália «Um verdadeiro escritor, tão original quanto profundo, cujos livros maravilham o leitor, forçando-o a desencaminhar-se das certezas correntes e a abrir-se a novas realidades.» Miguel Real, Jornal de Letras «Afonso Cruz pertence a uma rara casta de ficcionistas: os que acreditam genuinamente no poder da efabulação literária. Se isso já era notório nos seus quatro romances anteriores, mais evidente se torna ao concluirmos a leitura deste volumoso Para onde vão os guarda-chuvas. O escritor está agora no auge das suas capacidades narrativas e serve-se delas para criar um Oriente inventado, onde as histórias brotam debaixo das pedras e se entrelaçam com extraordinária coesão.» José Mário Silva, Expresso «Para onde vão os guarda-chuvas é o ponto mais alto da capacidade narrativa e de efabulação de Afonso Cruz. (...) O que poderia não passar de um exercício de demonstração de sabedoria é um livro cheio de humanidade, muitas vezes brutal, e de um apurado sentido estético. Magnético.» Isabel Lucas, Público

Winner of the José Saramago Literary Award In an unnamed Portuguese village, against a backdrop of severe rural poverty, two generations of men and women struggle with love, violence, death, and—perhaps worst of all—the inescapability of fate. A pair of twins conjoined at the pinky, a 120-year-old wise man, a shepherd turned cuckold by a giant, and even the Devil himself make up the unforgettablely oddball cast of The Implacable Order of Things. As these lost souls come together and drift apart, José Luís Peixoto masterfully reveals the absurd, heartbreaking, and ultimately bewitching aspects of human nature in a literary performance that heralds the arrival of an astoundingly gifted and poetic writer.

A spellbinding new novel of contraband masterpieces, tragic love, and the unexpected legacies of forgotten crimes, Ayelet Waldman’s Love and Treasure weaves a tale around the fascinating, true history of the Hungarian

Gold Train in the Second World War. In 1945 on the outskirts of Salzburg, victorious American soldiers capture a train filled with unspeakable riches: piles of fine gold watches; mountains of fur coats; crates filled with wedding rings, silver picture frames, family heirlooms, and Shabbat candlesticks passed down through generations. Jack Wiseman, a tough, smart New York Jew, is the lieutenant charged with guarding this treasure—a responsibility that grows more complicated when he meets Ilona, a fierce, beautiful Hungarian who has lost everything in the ravages of the Holocaust. Seventy years later, amid the shadowy world of art dealers who profit off the sins of previous generations, Jack gives a necklace to his granddaughter, Natalie Stein, and charges her with searching for an unknown woman—a woman whose portrait and fate come to haunt Natalie, a woman whose secret may help Natalie to understand the guilt her grandfather will take to his grave and to find a way out of the mess she has made of her own life. A story of brilliantly drawn characters—a suave and shady art historian, a delusive and infatuated Freudian, a family of singing circus dwarfs fallen into the clutches of Josef Mengele, and desperate lovers facing choices that will tear them apart—Love and Treasure is Ayelet Waldman’s finest novel to date: a sad, funny, richly detailed work that poses hard questions about the value of precious things in a time when life itself has no value, and about the slenderest of chains that can bind us to the griefs and passions of the past. This eBook edition includes a Reading Group Guide.

Luanda, Angola, 1990. Ndalú is a normal twelve-year old boy in an extraordinary time and place. Like his friends, he enjoys laughing at his teachers, avoiding homework and telling tall tales. But Ndalú's teachers are Cuban, his homework assignments include writing essays on the role of the workers and peasants, and the tall tales he and his friends tell are about a criminal gang called Empty Crate which specializes in attacking schools. Ndalú is mystified by the family servant, Comrade Antonio, who thinks that Angola worked better when it was a colony of Portugal, and by his Aunt Dada, who lives in Portugal and doesn't know what a ration card is. In a charming voice that is completely original, Good Morning Comrades tells the story of a group of friends who create a perfect childhood in a revolutionary socialist country fighting a bitter war. But the world is changing around these children, and like all childhood's Ndalú's cannot last. An internationally acclaimed novel, already published in half a dozen countries, Good Morning Comrades is an unforgettable work of fiction by one of Africa's most exciting young writers.

Why We Drink and Abuse Alcohol

The Diary of “Helena Morley”

At Night We Walk in Circles

Five Centuries of the Pillage of a Continent

Jerusalem

*In this simple tale, the novel's hero is the talented heir to a notable family in Lisbon. He aspires to serve his fellow man in his chosen profession of medicine, in the arts, and in politics. But he enters a society affected by powerful international influences–French intellectual developments, English trading practices–that trouble and frustrate him. In the end he is reduced to a kind of spiritual helplessness and his good intentions are reduced to dilettantism. His passionate love affair begins to suffer a devastating constraint.*

*Um romance que questiona os limites do que podemos e devemos fazer por amor. De um dos mais elogiados escritores portugueses contemporâneos. «Enquanto a guerra é uma tragédia, a maior de todas, o amor é uma felicidade, a maior de todas, mas há algo em comum: quando se ausentam, qualquer um deles, deixam uma ferida eterna na proporção da perda que proporcionam.»* Theobald Thomas e Bluma Janek estão fadados a ficar juntos desde que vêm ao mundo. Os livros são o seu ponto de encontro. Mas a Berlim do pós-guerra, uma cidade enlutada e dividida, haverá de contrariar o que o destino parecia ter escrito. Numa noite de Agosto, sem aviso, o chão de Berlim é rasgado pelos alicerces de um muro - o mais famoso da História - e a promessa do primeiro beijo fica adiada. O novo romance de Afonso Cruz parte de uma trama real em que o amor e a guerra se entrelaçam para questionar certos limites, encontrando no fado individual de dois amantes o reflexo de algo universal: o que seríamos capazes de fazer por paixão, que barreiras ultrapassaríamos? Pode o amor saltar muros sem que alguém se magoe? Os elogios da crítica: «Afonso Cruz alcançará um lugar muito destacado nas letras portuguesas.» El País (Espanha) «Em A boneca de Kokoschka, o escritor português Afonso Cruz, vencedor do Prémio da União Europeia para a Literatura, escreveu um romance por excelência, que está destinado a tornar-se um clássico de esplendor quase bizantino. (...) Cruz constrói uma narrativa labiríntica - ao melhor nível de Gabriel García Márquez - e convence-nos de que "nada é mais profético do que a literatura".» Catherine Taylor, The Irish Times «Muito mais do que uma leitura recomendável; estamos perante um dos grandes livros da temporada, cheio de engenho e imaginação. Jesus Cristo bebia cerveja é uma lição de literatura.» Revista Químera (Espanha) «Jesus Cristo bebia cerveja é um romance transgénero; uma tragédia rural, rude e desesperada, uma história bucólica - a que não falta um pastor rústico e uma jovem que se banha nua no rio -, uma fábula política e ainda uma farsa. Joga em todos estes registos romanescos e desafia todas as convenções.» Éric Chevillard, Le Monde (França) «Jesus Cristo bebia cerveja é um romance colorido e extraordinariamente inteligente. Cruz usa uma linguagem multiforme, ousada, irónica, afiada. E densa.» Giovanni Dozzini, Europa (Itália) «Um verdadeiro escritor, tão original quanto profundo, cujos livros maravilham o leitor, forçando-o a desencaminhar-se das certezas correntes e a abrir-se a novas realidades.» Miguel Real, Jornal de Letras «Afonso Cruz pertence a uma rara casta de ficcionistas: os que acreditam genuinamente no poder da efabulação literária. Em Para onde vão os guarda-chuvas o escritor está no auge das suas capacidades narrativas e serve-se delas para criar um Oriente inventado, onde as histórias brotam debaixo das pedras e se entrelaçam com extraordinária coesão.» José Mário Silva, Expresso «Para onde vão os guarda-chuvas é o ponto mais alto da capacidade narrativa e de efabulação de Afonso Cruz. (...) O que poderia não passar de um exercício de demonstração de sabedoria é um livro cheio de humanidade, muitas vezes brutal, e de um apurado sentido estético. Magnético.» Isabel Lucas, Público *An eclectic history of human curiosity, a great feast of ideas, and a memoir of a reading life from an internationally celebrated reader and thinker Curiosity has been seen through the ages as the impulse that drives our knowledge forward and the temptation that leads us toward dangerous and forbidden waters. The question "Why?" has appeared under a multiplicity of guises and in vastly different contexts throughout the chapters of human history. Why does evil exist? What is beauty? How does language inform us? What defines our identity? What is our responsibility to the world? In Alberto Manguel's most personal book to date, the author tracks his own life of curiosity through the reading that has mapped his way. Manguel chooses as his guides a selection of writers who sparked his imagination. He dedicates each chapter to a single thinker, scientist, artist, or other figure who demonstrated in a fresh way how to ask "Why?" Leading us through a full gallery of inquisitives, among them Thomas Aquinas, David Hume, Lewis Carroll, Rachel Carson, Socrates, and, most importantly, Dante, Manguel affirms how deeply connected our curiosity is to the readings that most astonish us, and how essential to the soaring of our own imaginations.*

*Uma carta de amor de um pai à filha que não conheceu, revelando distâncias e aproximações. Uma história de amor impossibilitada pelo medo. Uma reflexão sobre o que somos e o que desejamos ser. "Eu seria muito infeliz num mundo feliz. Ela seria feliz em qualquer mundo. Esta história, minha e da tua mãe, é também a tua." Com essa referência à célebre frase que abre o romance Anna Kariênina, de Tolstói, um pai se dirige à filha que não conheceu para lhe contar a sua história – que é também a história dela –, numa longa carta que é uma entrega sincera e emotiva, mas também uma bela reflexão sobre o significado da felicidade. Num cruzamento de identidades e geografias, o narrador deste romance nos leva por uma viagem ao outro lado do mundo ocidental, até o Camboja e o Vietnã, à procura daquilo que está mais perto de nós. Há um pai que ergue muros de silêncio, uma criada muito velha, uma amante que carrega sabores e perfumes proibidos. Estes são alguns dos personagens inesquecíveis que testemunham – ou dificultam – a busca desse homem por um amor incondicional. "O romance é sem dúvida um dos trabalhos mais descarnados, concisos e ao mesmo tempo belos do escritor." – Gonçalo Correia, Observador "Afonso Cruz obriga-nos a mergulhar na nossa humanidade, nos mais elementares conceitos do bem e do mal, na reflexão sobre a felicidade e o amor." – Joana Aroso, Revista Intro "Um verdadeiro escritor, tão original quanto profundo, cujos livros maravilham o leitor, forçando-o a desencaminhar-se das certezas correntes e a abrir-se a novas realidades." – Miguel Real, Jornal de Letras*

Flores

Death and Sensuality

The Road to Los Angeles

O vício dos livros

Florence and Giles

An audacious psychological thriller where nothing is what it seems. Ted McKay had it all: a beautiful wife, two daughters, a high-paying job. But after being diagnosed with a terminal brain tumor he finds himself with a gun to his temple, ready to pull the trigger. Then the doorbell rings. A stranger makes him a proposition: why not kill two deserving men before dying? The first target is a criminal, and the second is a man with terminal cancer who, like Ted, wants to die. After executing these kills, Ted will become someone else's next target, like a kind of suicidal daisy chain. Ted understands the stranger's logic: it's easier for a victim's family to deal with a murder than with a suicide. However, as Ted commits the murders, the crime scenes strike him as odd. The targets know him by name and possess familiar mementos. Even more bizarrely, Ted recognizes locations and men he shouldn't know. As Ted's mind begins to crack, dark secrets from his past seep through the fissures. Kill the Next One is an immersive psychological thriller from an exciting new voice.

A sinister Gothic tale in the tradition of The Woman in Black and The Fall of the House of Usher

Uma carta de amor de um pai a uma filha que nunca conheceu. Uma história de amor impossibilitada pelo medo. Uma demanda do que somos e desejamos ser. «Não existe felicidade na igualdade e na monotonia. As famílias felizes terão de ser imperfeitas, é impossível ser feliz sem dor.» Um pai que se dirige à filha e lhe conta a sua história, que é a história de ambos, revelando distâncias e aproximando-se por causa disso, numa entrega sincera e emocional. Uma viagem até aos confins do mundo, até ao Vietname e Camboja, até ao território que antigamente se designava como Cochinchina, para encontrar e perceber aquilo que está mais perto de nós, aquilo que nos habita. Um pai que ergue muros de silêncio, uma mãe que revela as costuras do Mundo, uma criada velhíssima, um amigo que quer ser campeão de luta, uma amante que carrega sabores e perfumes proibidos. São estas algumas das inesquecíveis personagens que rodeiam este homem que se dirige à filha, que testemunham - ou dificultam - essa procura do amor mais incondicional. Uma busca que nos leva a todos a chegar tão longe, para lá de longe, para nos depararmos connosco, com as nossas relações mais próximas, com os nossos erros, com as nossas paixões, com as nossas dores e, ao somar tudo isto, entre sofrimento e júbilo, encontrar talvez felicidade. «Afonso Cruz alcançará um lugar muito destacado nas letras portuguesas.» El País (Espanha) «Muito mais do que uma leitura recomendável; estamos perante um dos grandes livros da temporada, cheio de engenho e imaginação. Jesus Cristo bebia cerveja é uma lição de literatura.» Revista Químera (Espanha) «A bela escadaria da Livraria Lello remete para a obra de Afonso Cruz. (#) Um escritor capaz de tocar várias cordas na sua guitarra. Jesus Cristo bebia cerveja é um romance transgénero; uma tragédia rural, rude e desesperada, uma história bucólica - a que não falta um pastor rústico e uma jovem que se banha nua no rio -, uma fábula política e ainda uma farsa. Joga em todos estes registos romanescos e desafia todas as convenções.» Éric Chevillard, Le Monde (França) «Um verdadeiro escritor, tão original quanto profundo, cujos livros maravilham o leitor, forçando-o a desencaminhar-se das certezas correntes e a abrir-se a novas realidades.» Miguel Real, Jornal de Letras «Afonso Cruz pertence a uma rara casta de ficcionistas: os que acreditam genuinamente no poder da efabulação literária. Em Para onde vão os guarda-chuvas o escritor está no auge das suas capacidades narrativas e serve-se delas para criar um Oriente inventado, onde as histórias brotam debaixo das pedras e se entrelaçam com extraordinária coesão.» José Mário Silva, Expresso «Para onde vão os guarda-chuvas é o ponto mais alto da capacidade narrativa e de efabulação de Afonso Cruz. (#) O que poderia não passar de um exercício de demonstração de sabedoria é um livro cheio de humanidade, muitas vezes brutal, e de um apurado sentido estético. Magnético.» Isabel Lucas, Público «Jalan Jalan concede-lhe um novo lugar na literatura portuguesa deste terceiro milénio. (#) Afonso Cruz passa a ter um mundo próprio com 26 luas a rodar o planeta das suas escritas, tantas como as letras do nosso alfabeto.» João Ceu e Silva, Diário de Notícias

Arriving in a small village, a disheveled man seeks refuge in a church and commences to use his whistling to shift emotions and perceptions of the villagers.

Good Morning Comrades

The Drunken Monkey

A Novel

Kokoschka's Doll

The Page Turner

*Marcoré, first published in Rio de Janeiro in 1957, won the coveted prize for fiction awarded by the Brazilian Academy of Letters and has been praised by leading critics and writers in Brazil. The novel has maintained favor with the Brazilian public and has also been published and received with enthusiasm in Portugal. Adopting the intimist, introspective approach characteristic of such writers as Machado de Assis and Graciliano Ramos, Pereira tells a moving, bittersweet tale of personal problems and family relationships. The central character of Marcoré is the narrator, a modest, introverted individual who, aware of his own human condition, tends to view life with pessimism tempered with compassion. As the narrator reflects on his life and relationships in a small town in the state of São Paulo, an unobtrusive document of Brazilian family life unfolds. The novel contains several highly dramatic scenes as well as many tender and entertaining ones and introduces a set of very human, very credible characters, including a most irascible mother-in-law and a wife who makes a strange vow. The reactions, thoughts, and hidden motivations of the characters are revealed in precise and economical language—evidence of the author's powers of observation and knowledge of human nature. Rachel de Queiroz has described Marcoré as "a beautiful and tormented book." It has become a modern Brazilian classic.*

*"SEDUCTIVE MAGIC...SPELBINDING...Rice stages her scenes in a wide variety of times and locales, tapping deeply into the richest veins of mythology and history." --San Francisco Chronicle "STEAMY...FAST-FACED AND HUGELY ENGROSSING...Rice's title character--a seductive, evil, highly sexual and ultimately tragic creature--is fascinating." --The Miami Herald "BEHIND ALL THE VELVET DRAPES AND GOSSAMER WINDING SHEETS, THIS IS AN OLD-FASHIONED FAMILY SAGA...Rice's descriptive writing is so opulent it almost begs to be read by candlelight." --The Washington Post Book World "RICE SEES THINGS ON A GRAND SCALE...There is a wide-screen historical sweep to the tale as it moves from one generation of witches to the other." --The Boston Globe "EROTIC...EERIE...HORRIFYING...A tight tale of the occult in present-day New Orleans...Anne Rice is a spellbinding novelist.... LASHER quenches." --Denver Post A MAIN SELECTION OF THE LITERARY GUILD(c)*

*Alcoholism, as opposed to the safe consumption of alcohol, remains a major public health issue. In this accessible book, Robert Dudley presents an intriguing evolutionary interpretation to explain the persistence of alcohol-related problems. Providing a deep-time, interdisciplinary perspective on today's patterns of alcohol consumption and abuse, Dudley traces the link between the fruit-eating behavior of arboreal primates and the evolution of the sensory skills required to identify ripe and fermented fruits that contain sugar and low levels of alcohol. In addition to introducing this new theory of the relationship of humans to alcohol, the book discusses the supporting research, implications of the hypothesis, and the medical and social impacts of alcoholism. The Drunken Monkey is designed for interested readers, scholars, and students in comparative and evolutionary biology, biological anthropology, medicine, and public health.*

*"In lyric essays, a story, poems, and photographs, Smith illuminates the whirl of chance and choice that stokes a writer's imagination, recounting her fascination on the eve of a trip to Paris with Simone Weil and an evocative, accidentally discovered film about Stalin's mass deportation of Estonians. In France, a gravestone, a televised figure-skating competition, a meal, and a garden all converge in what becomes Devotion, [a] ... fairy tale about a young, displaced Estonian skater and a solitary dealer in rare objects and arms. This ... fable about creativity and obsession, possession and freedom is followed by a meditation on how a work of art is, for other artists, a call to action"--Booklist, 08/01/2017.*

A boneca de Kokoschka

Erotism

Nem todas as baleias voam

The Maias

Curiosity

Prémio Literário Fernando Namora 2016 Finalista do Prémio APE - Associação Portuguesa de Escritores De um dos mais aclamados autores portugueses da actualidade, um romance comovente e divertido sobre o amor e a memória. «Viver não tem nada a ver com isso que as pessoas fazem todos os dias, viver é precisamente o oposto, é aquilo que não fazemos todos os dias.» Um homem sofre desmesuradamente com as notícias que lê nos jornais, com todas as tragédias humanas a que assiste. Um dia depara-se com o facto de não se lembrar do seu primeiro beijo, dos jogos de bola nas ruas da aldeia ou de ver uma mulher nua. Outro homem, seu vizinho, passa bem com as desgraças do mundo, mas perde a cabeça quando vê um chapéu pousado no lugar errado. Contudo, talvez por se lembrar bem da magia do primeiro beijo - e constatar o quanto a sua vida se afastou dela -, decide ajudar o vizinho a recuperar todas as memórias perdidas. Uma história inquietante sobre a memória e o que resta de nós quando a perdemos. Um romance comovente sobre o amor e o que este precisa de ser para merecer esse nome. Sobre Flores: «Como nas revoluções pacíficas, Afonso Cruz resolveu manifestar-se contra os tempos actuais com Flores. Tudo isto cabe neste livro: amor, morte, rotina...» Ana Dias Ferreira, Observador «Basta ler algumas páginas iniciais de Flores, o extraordinário romance de Afonso Cruz, para perceber que a literatura existe para nos servirmos dela e para prolongarmos a nossa vida na vida de personagens com vidas semelhantes à vida que queríamos e imaginamos ter.» Francisco José Viegas, Correio da Manhã «Estas páginas têm uma forte dose de crítica pessoal, social, relacional, acima de tudo cultural. E tudo em tão poucas páginas, com frases simples, descomplicadas, mas que reflectem tanto a essência amorosa como o cinismo que cada um consegue carregar consigo e transmitir aos outros. (...) Um leitor sabe quando lê Afonso Cruz e sabe também que dificilmente ficará indiferente.» Blogue Bran Morrighan «Um romance melancólico sobre o fantasma da perda da memória e o poder redentor da palavra. (...) Ao procurar restituir a memória do seu vizinho, o narrador de Flores aponta para o sentido oculto da própria vida.» Hugo Pinto Santos, Time Out «É um dos mais regulares escritores portugueses, sempre apostado em alterar a percepção do leitor com cada livro que publica.» Diário de Notícias Sobre Afonso Cruz: «Afonso Cruz alcançará um lugar muito destacado nas letras portuguesas.» El País «Um verdadeiro escritor, tão original quanto profundo, cujos livros maravilham o leitor, forçando-o a desencaminhar-se das certezas correntes e a abrir-se a novas realidades.» Miguel Real, Jornal de Letras «Uma das vozes mais criativas da nova literatura em língua portuguesa.» Mia Couto

The bestselling author of The Last Kabbalist of Lisbon delivers a wartime thriller that’s “equal parts riveting, heartbreaking, inspiring, and intelligent” (San Francisco Chronicle). With his international–bestseller The Last Kabbalist of Lisbon, Richard Zimler made a name as a master of historical thrillers. In this chilling mystery, winner of the Marques de Ouro Prize, Zimler has woven a gripping tale in the tradition of The Shadow of the Wind. It is autumn, 1940, and the Nazis have sealed four–hundred–thousand Jews into the Warsaw Ghetto. Erik Cohen, an elderly psychiatrist, moves into a tiny apartment with his last remaining relatives. Then his beloved great–nephew Adam goes missing and his body is discovered tangled in the barbed wire, strangely mutilated. Soon afterward, another body turns up, this time a young girl. Could there be a Jewish traitor luring children to their deaths? With an unlikely hero and hair–raising suspense, The Warsaw Anagrams is a profoundly moving and darkly atmospheric thriller. “Part murder mystery and part historical fiction . . . Thrilling.” –The Boston Globe “A gripping, heartbreaking and beautiful thriller.” –Simon Sebag Montefiore, New York Times–bestselling author of The Romanovs “Spare but striking prose . . . Masterful.” –Newsday “A fast–moving, powerful and intellectual murder mystery set within wartime Warsaw Poland during World War II . . . Zimler provides layer after layer of intrigue and excitement. This is not simply a novel about the Holocaust. It is a murder mystery that will challenge the reader to uncover a frightening truth within a world turned upside down by war and genocide.” –New York Journal of Books La novela consagratória de Afonso Cruz, Premio de Literatura de la Unión Europea, elegida Mejor Libro del Año por Time Out Lisboa y por los lectores de Público. Una pequeña aldea del Alentejo se transforma en Jerusalén gracias al amor de una muchacha por su abuela, cuyo mayor deseo es visitar Tierra Santa. Un profesor «paralelo a sí mismo», una inglesa que duerme dentro de una ballena, una chica que lee westerns y cree que la Virgen María sustituyó a su propia madre, son algunos de los personajes que conforman una historia conmovedora e irónica sobre las cosas fundamentales de la vida: el amor, el sacrificio y la cerveza. Reseñas: «Afonso Cruz se convierte en una exigencia para quien no quiera perder detalle del rumbo que tomará el futuro de las letras portuguesas.» PNEtliteratura.pt «Um verdadeiro escritor, tan original como profundo, cujos libros maravillan al lector, obligándolo a apartarse de las certezas corrientes y a abrirse a nuevas realidades.» Jornal de Letras «No voy a descansar hasta que todos los lectores descubran a Afonso Cruz... Vuelve mi alma lujosa: paso a tener joyas en la imaginación.»

Valter Hugo Mãe «He quedado totalmente entusiasmada–prendida–arrebataada–consternada con el libro de Alfonso Cruz, Jesucristo bebia cerveza.» Marta Ramoneda, Librería La Central

A gallery of people and topics are covered in this popular series. Spurgeon provides the busy pastor with starter material and the Christian reader with devotional meditations.

(Prayer/Spirituality/Devotions)

The Implacable Order of Things

Lasher

Love and Treasure

The Relic  
Spurgeon's Sermons on the Cross of Christ

In a city not quite of any particular era, a distant and calculating man named Lenz Buchmann works as a surgeon, treating his patients as little more than equations to be solved: life and death no more than results to be worked through without the least compassion. Soon, however, Buchmann's ambition is no longer content with medicine, and he finds himself rising through the ranks of his country's ruling party . . . until a diagnosis transforms this likely future president from a leading player into just another victim. In language that is at once precise, clinical, and oddly childlike, Gonçalo M. Tavares—the Portuguese novelist hailed by José Saramago as the greatest of his generation—here brings us another chilling investigation into the limits of human experience, mapping the creation and then disintegration of a man we might call “evil,” and showing us how he must learn to adapt in a world he can no longer dominate.

Naked is a wonderful paperback about the beauty of honesty and truth. It challenges you to open up to the one person that matters most.  
Reprint. Originally published: Death and sensuality. New York: Walker, 1962.